

ANALISE DOS DISCURSOS MÉDICOS NA IMPRENSA SOBRE A EPIDEMIA DE ZIKA NO BRASIL

Renato da Silva (UNIGRANRIO)
redslv333@gmail.com

RESUMO

Em 2015, a epidemia de Zika chega ao Brasil atingindo quase todo território nacional. O vírus da Zika se manifestou de forma mais grave em alguns estados das regiões do Sudeste, do Nordeste, do Centro Oeste e do Norte. A população passa a ser informada pelos jornais sobre a nova ameaça que atingem o território nacional. A partir desse contexto, a Zika é percebida não mais como uma variação atenuada da dengue, e sim uma “nova” doença perigosa com sua face mais cruel manifestada na sequela da microcefalia. O conhecimento sobre a doença passou ser estruturado pelos meios de comunicação. O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre a epidemia de Zika divulgados na imprensa. Neste sentido, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

Palavras chaves:

Epidemia. Imprensa. Microcefalia. Zika. Discursos médicos.

1. Introdução

A proposta para essa etapa de minha produção acadêmica é aprofundar as questões que foram levantadas no meu projeto de pesquisa *Mosquitos, Cidades e Educação: o legado da Campanha Nacional de Erradicação da Malária (1958-1965) para o combate as epidemias de Dengue, Zika e Chikungunya* (Jovem Cientista do Nosso Estado - Faperj), que estabelece a relação da campanha mundial de erradicação da malária com o combate as epidemias de dengue, zika e chikungunya na esfera global.

O campo de análise do projeto atual passa a ser o contexto nacional e as campanhas de controle e prevenção de epidemias. Neste sentido, a compreensão histórica da epidemia de zika que assolou o país a partir 2015 é fundamental para a formulação de políticas de saúde mais eficazes.

O objetivo do trabalho é analisar os discursos médicos produzidos sobre a epidemia de zika divulgados na imprensa. Desse modo, é fundamental avaliar os acordos e desacordos dessa tradução.

2. *História da zika no Brasil*

A primeira referência à zika no Brasil data o ano de 2015. Em 11 de novembro de 2015, o Ministério da Saúde reconheceu a primeira epidemia do vírus zika no Brasil. Uma doença aparentemente nova no país que assombrou e assombra gestantes devido as complicações do vírus que podem ocasionar a microcefalia nos recém-nascidos (MCNEIL, 2016; DINIZ, 2016).

No contexto internacional, o surgimento do vírus *dazika* ocorreu na década de 1940. O vírus da Zika é um flavivírus transmitido por mosquitos. O primeiro registro do vírus em macacos, ocorre em 1947 em Uganda. Essa primeira identificação foi feita por um grupo de controle e monitoramento da febre amarela. Em 1952, foi registrado a presença do vírus em humanos em Uganda e na República Unida da Tanzânia. Foram notificados surtos da doença do vírus Zika na África, nas Américas, na Ásia e no Pacífico. Entre as décadas 1960 e 1980, foram encontradas infecções humanas no continente africano e asiático, normalmente acompanhadas de doença breve. O primeiro grande surto da doença causado pela infecção por zika foi notificada na ilha de Yap (Estados Federados da Micronésia), em 2007.

Criada em 15 de fevereiro de 2016, a Sala de Situação de Saúde sobre vírus Zika da OPAS/OMS no Brasil foi concebida como um instrumento para centralizar, articular e sistematizar informações sobre a infecção pelo vírus Zika e suas consequências no Brasil e a nível internacional. O objetivo primordial desta iniciativa consiste em qualificar informações para subsidiar decisões aos níveis federal, estadual e municipal, assim como a outros departamentos da OPAS/OMS, Sistemas das Nações Unidas e outras instituições interessadas.

Até o momento, 38 países e territórios confirmaram a transmissão local vetorial do vírus zika na Região das Américas desde 2015. Alguns países na Região das Américas continuam a registrar uma tendência decrescente nos novos casos da doença do vírus zika (suspeitos e confirmados).

3. *O discurso bélico sobre a zika na imprensa: a guerra entre homens e mosquitos.*



“Estamos perdendo a guerra contra o Aedes”, diz ministro da Saúde no Piauí - Marcelo Castro diz que sociedade precisa se mobilizar contra o mosquito. Casos de microcefalia associada ao zika vírus chegam a 3.893. (Jornal O Globo, 22/01/2016).

“ [...] Há cerca de 30 anos o mosquito vem transmitindo doenças para nossa população e desde então nós o combatemos, mas estamos perdendo a guerra contra *Aedes aegypti*. Vivemos uma verdadeira epidemia. Precisamos da sociedade brasileira mobilizada na prevenção a essas doenças”, afirmou o ministro” (Jornal O Globo, 22/01/2016).

“[...] Governo anuncia ação de 220 mil militares para combater *Aedes aegypti* – Militares deverão fazer entrega de panfletos e visitas a casas e escolas. Mosquito é transmissor do zika vírus, relacionado com surto de microcefalia. [...] (Jornal O Globo, 27/01/2016).

“Cidades do interior de São Paulo e Paraíba cancelam carnaval por causa do Zika vírus”. – “[...] ao invés de combater a doença, prefeituras suspendem a festa mais aguardada do ano”, o leitor é exposto a uma superficialidade cada vez mais comum no meio jornalístico, induzindo-o a concluir definitivamente que as prefeituras citadas na matéria não cumprem a sua parte no combate ao mosquito transmissor do vírus Zika. (JORNAL DO BRASIL, 23/01/2016)

World Health Organisation declares Zika virus public health emergency

UN body acts over mosquito-borne virus to trigger funding for prevention campaign and research to establish exact link to serious birth defects



“Zika vírus ameaça – Diante desse quadro de extrema gravidade, temos acompanhado a formação de diversos grupos voluntários de profissionais na área de saúde, com objetivo de realizar uma força tarefa para o combate à epidemia”. (Jornal Estado de Minas, 22/12/15)

“Teremos uma geração com problemas neurológicos – Secretário de Saúde do Estado mostra-se preocupado com zika vírus” (Jornal Diário Gaúcho, 02/12/2015)

“Não existe prova do vírus zika causa a microcefalia”. (Jornal Estadão, 05/12/2015)

“Saiba como se proteger da infecção causada pelo zika vírus” – “Não há relação nenhuma da microcefalia (que já foi relacionada ao zika) com vacina nenhuma”, certificou. - “Devemos saber que o zika não é a única causa da microcefalia”. (A TRIBUNA, 26/12/2015).



Os discursos médicos produzidos na imprensa sobre a zika sinalizam o estado de guerra que se encontra a população. Os mosquitos são os “inimigos” dos homens. A sociedade brasileira corre perigo “mortal cada” ano no período do verão. Dessa forma, os jornais informam a população sobre ameaça da zika. A ênfase num discurso bélico, tem como o objetivo de convocar os cidadãos para a batalha, no entanto, pouco se discute sobre a importância da educação no enfrentamento da epidemia.

Neste contexto bélico, o caráter interdependente da doença é a princípio colocada em segundo plano. Uma discussão mais profunda sobre ações coletivas produziria respostas mais efetivas no tratamento da zika. Isto é, a zika é uma doença que exige comunicabilidade entre os indivíduos e sociedades.

No Brasil, os mosquitos perderam para homens em grande parte do território nacional, mas continua endêmica na região amazônica, registrando momentos elevados de casos de malária por exemplo. O ano de 2000 registrou mais de 600 mil infectados levando a 245 óbitos. Segundo o Ministério da Saúde em 2011, 99,7% dos casos de transmissão de malária estão concentrados nos estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima. As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza, onde predomina a ausência de um programa educacional durante todo ano. As doenças negligenciadas que se transformam em epidemias de dengue, zika e chikungunya que durante quase quatro meses ocupa as primeiras páginas dos jornais, é silenciada na imprensa no restante do ano.

4. Considerações finais

As guerras entre os homens e os mosquitos não terminaram, as transformações biológicas são quase proporcionais aos progressos científicos. As guerras entre os homens e os mosquitos, são na verdade a guerra entre o homem e a natureza.

Zika no Brasil foi tratada inicialmente na imprensa com discursos bem próximos de outras doenças e epidemias negligenciadas como principal exemplo a dengue.

Primeiro o discurso da imprensa esteve amparado pela escassez das fontes científicas sobre o vírus, que foi amenizado ainda mais por conta de interesses políticos e econômicos do contexto pré olimpíadas.

Em seguida discurso bélico e alarmante sobre a zika produzido pela imprensa parece enfraquecer o caráter educacional que a epidemia exige para ser tratada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. O combate ao *Anopheles gambiae*. In: _____. (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. p. 168-173

BRAGA, Ima Aparecida; VALLE, Denise. *Aedes aegypti*: histórico do controle no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*., v. 16, n. 2, p. 113 – 118, 2007.

CUETO, Marcos. *Cold War, deadly fevers: malaria eradication in México, 1955-1975*. Washington, DC: Woodrow Wilson Center Press; Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

_____. Los ciclos de la erradicación: la Fundación Rockefeller y la salud latinoamericana, 1918-1940. In: CUETO, M. *Salud, cultura y sociedad en América Latina: nuevas perspectivas históricas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/Organización Panamericana de la Salud, 1996. p. 198.

DINIZ, Debora. *Zika: do Sertão nordestino à ameaça global*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DONALISIOI, Maria Rita; FREITAS, André Ricardo Ribas. *Chikungunya no Brasil: um desafio emergente*. II REV BRAS EPIDEMIOL JAN-MAR 2015; 18(1): 283-5

FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho; GOMES, Isaltina Maria de Azevedo Mello. A construção discursiva sobre a dengue na mídia. In: *Rev. bras. epidemiol.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 63-74, Mar. 2012.

HOCHMAN, Gilberto. From autonomy to partial alignment: national malaria programs in the time of global eradication, Brazil, 1941-61. *CBMH/BCHM*, v. 25, n. 1, 2008. p. 169.

HOCHMAN, Gilberto; MELLO, Maria Tereza Bandeira de; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX. In: *História, Ciências*,

Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, v. 9, p. 249, 2002. Suplemento.

MCNEIL, Donald. *Zika: a epidemia emergente*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

PACKARD, Randall M. Malaria dreams: postwar visions of world. In: *Medical Anthropology*, v. 17, p. 279-296, 1997.

PAULINI, Ernest. Considerações sobre o emprego de inseticidas em campanhas contra a malária. In: *Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*. Rio de Janeiro: Divisão de Cooperação e Divulgação – DNERu/ Ministério da Saúde, v. 14, n. 1/2, p. 116, 1962.

SILVA, Renato da; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. The Juscelino Kubitschek government and the Brazilian Malaria Control and Eradication Working Group: collaboration and conflicts in Brazilian and international health agenda, 1958-1961. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso). v. 22, p. 95 – 114, 2015.

SILVA, Renato da; HOCHMAN, Gilberto. Um método chamado Pinotti: sal medicamentoso, malária e saúde internacional (1952-1960). In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso). v. 18, n. 2, p. 519-543, 2011.

SOPER, Fred. L. *Anopheles gambiae* in Brazil. In: _____. (Ed.). *Ventures in world health – the memoirs of Fred Lowe Soper*. Washington, DC: Pan-American Health Organization, v. 355, p. 201 et seq., 1977.